

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

POR QUE POSTAMOS SOBRE HISTÓRIA ANTIGA?

Uma análise do *Twitter* (2017 a 2024)

Campanha, MG

2024



Ygor Klain Belchior

POR QUE POSTAMOS SOBRE HISTÓRIA ANTIGA?

Uma análise do *Twitter* (2017 a 2024)

Relatório apresentado à 8ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Campanha, MG

2024



RESUMO

Este estudo investigou por que as pessoas postam sobre História Antiga no *Twitter*, buscando compreender o uso de repertórios discursivos do passado em discussões contemporâneas e como isso impacta a formação da consciência histórica. O objetivo geral foi analisar as motivações por trás das postagens e os repertórios discursivos utilizados, com o objetivo específico de identificar temas e padrões nessas postagens, utilizando-as como um diagnóstico para o ensino de História. A pesquisa se deu em duas etapas: uma análise de "nuvens de palavras" geradas por alunos e uma imersão etnográfica no Twitter, com a criação de um perfil para interagir com outros usuários. Os resultados revelaram a influência de interpretações orientalistas e da noção de "cultura ocidental" nas postagens sobre História Antiga, e identificaram dez repertórios discursivos que refletem diferentes "consciências históricas". Conclui-se que a História Antiga se faz presente no debate público contemporâneo de formas diversas, expressando visões de mundo e construindo identidades. A pesquisa contribui para o ensino de História ao revelar como o passado é utilizado no presente e como as mídias sociais influenciam a formação da "consciência histórica" dos alunos.

Palavras-chave: História Antiga; Twitter; Redes Sociais; Repertórios Discursivos; Consciência Histórica; *Allelopoiesis*



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	19
3 OBJETIVO GERAL	27
4 METODOLOGIA	28
5 RESULTADOS OBTIDOS	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79



1 INTRODUÇÃO

Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
(Seixas, 1973).

Em 24 de fevereiro de 2021, ocorreu o debate “Antiguidade, cancelamento e racismo”, promovido pelo Grupo de Trabalho de História Antiga [GTHA]. Com Gilberto da Silva Francisco (Unifesp), Felix Jacome (USP), Priscilla Gontijo (UFPB) e Fabio Morales (UFSC), levantou questões sobre o futuro dos estudos clássicos em um contexto de crescente conscientização sobre questões raciais e sociais. Os debatedores abordaram, principalmente, as recentes críticas de intelectuais negros ao estudo tradicional da Antiguidade greco-romana, o qual perpetua o eurocentrismo e a supremacia branca.

No mesmo ano, Johanna Hanink escreveu o seguinte texto: “A New Path for Classics: The field is a product and accomplice of white supremacy; scholars are fighting to change that”. Nele, abordou questões cruciais sobre a relação entre os estudos clássicos e a supremacia branca, argumentando que a disciplina *classics* tem sido cúmplice na perpetuação de estruturas sociais opressivas, como a supremacia branca, o colonialismo e a misoginia. A autora também apontou para a “raiva” crescente em torno do campo dos estudos clássicos, vinda de grupos que se sentem excluídos por suas estruturas elitistas e de outros que temem a descentralização de identidades hegemônicas, caso a antiguidade greco-romana seja desvalorizada. Por fim, defendeu a necessidade de uma mudança profunda na disciplina, para que ela se torne mais inclusiva e crítica em relação ao seu próprio passado e às suas implicações no presente.

As opiniões de Hanink vão ao encontro dos debatedores do GTHA: a proposta de “cancelar” os estudos clássicos deve ser repensada, por ser contraposta à possibilidade de reformular a disciplina, tornando-a mais inclusiva e crítica. Em outras palavras, no contexto atual, todos os pesquisadores da área devem responder à questão: é possível uma História Antiga antirracista e anti-eurocêntrica?



Nadhira Hill, por exemplo, em seu texto “Yes, Classics is Toxic, or In Defense of Burning It All Down”, explorou a controvérsia em torno da toxicidade dos estudos clássicos e apresentou a acusação de que são intrinsecamente ligados à supremacia branca. A autora defendeu a necessidade de crítica e mudança dentro do campo, ao invés de sua completa eliminação. Para Hill, “queimar tudo” significa combater o racismo e a exclusão presentes nos estudos clássicos, sem negar a importância de estudar a Grécia e Roma. O texto ainda destacou a complexidade, a possibilidade de amar o estudo do mundo antigo e, ao mesmo tempo, criticar as interpretações que o permeiam.

Figura 1 – Meme cancelar os Clássicos ou defender a equidade?



Fonte: Kennedy; Planudes, 2021.

No comentário “Why Rome continues to underpin western culture and politics”, ao *World Economic Forum*, Mary Beard advertiu contra a idealização de Roma como modelo de conquista e de brutalidade. Ela argumentou que essa história romana é essencial para a compreensão do mundo ocidental contemporâneo, uma vez que foi criada por ele para justificar as colonizações e o eurocentrismo. Por fim, enfatizou a importância de revisitar a história romana com novas perspectivas e questionamentos, enfatizando a necessidade de considerar as múltiplas vozes. A história romana é um “trabalho em andamento”, em constante reescrita e reinterpretação, segundo ela.



Beard é uma historiadora muito ativa nas redes sociais. A sua militância por uma História Antiga mais inclusiva chamou a atenção dos jornais. Na matéria “Nem todo romano era branco — o império era mais diverso do que parece”, Rubio Hancock (2017) discutiu a polêmica em torno de um vídeo educativo da *British Broadcasting Corporation* [BBC] que retratou um legionário romano negro na Britânia. Essa representação gerou críticas de cunho racista, sobretudo de grupos da “*alt-right*”, que a consideraram uma distorção histórica em nome do politicamente correto.

A historiadora rebateu as críticas, afirmando que o vídeo é preciso e que há evidências da diversidade étnica na Britânia romana. Ela argumentou que a representação de um legionário não branco apenas torna visível uma realidade frequentemente ignorada: o Império Romano era multicultural, composto por pessoas de diferentes origens étnicas e geográficas. E mais, destacou que a sociedade romana, embora xenófoba em alguns aspectos, não se preocupava com a cor da pele, e que a expansão do império levou a uma redefinição do termo “latino”, desvinculando-o de uma identidade étnica específica. A reportagem foi concluída rechaçando a imagem de uma antiguidade branca (Figura 2).

Figura 2 – O Egito no sistema educacional norte-americano

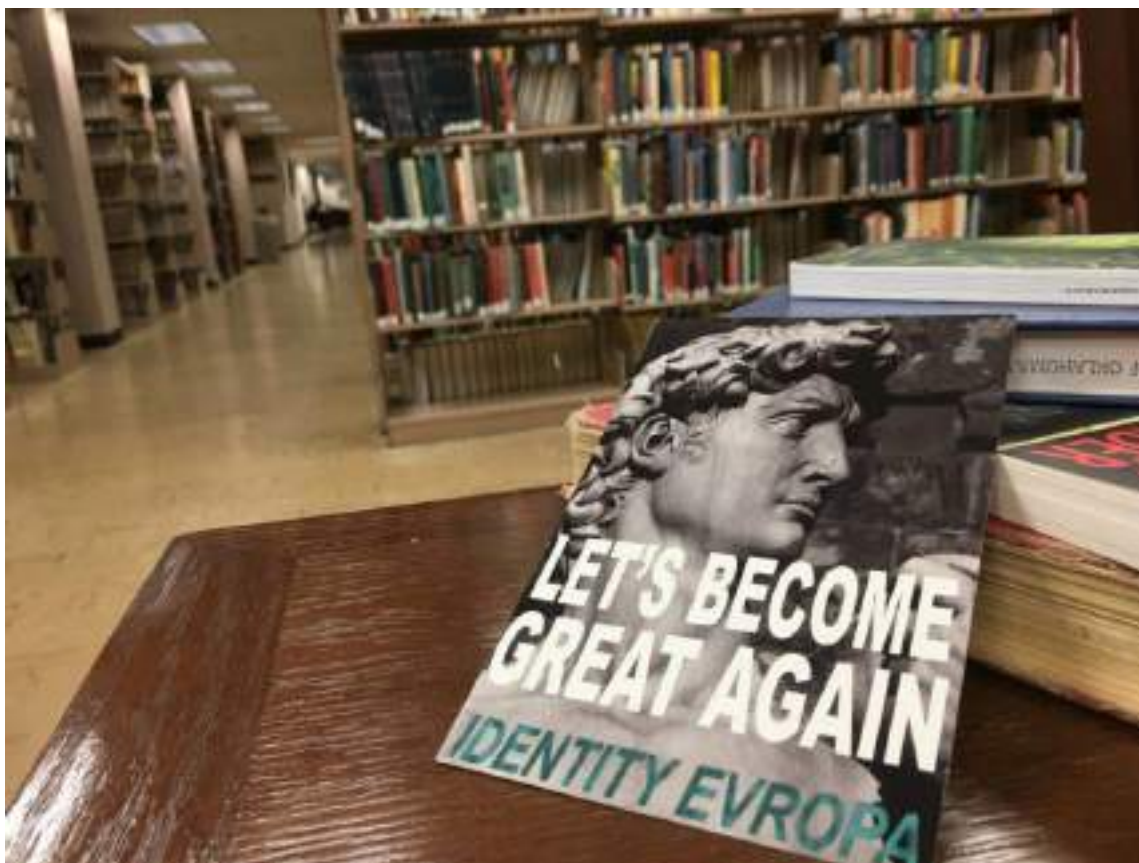


Fonte: *Twitter*.



O grande problema nesse contexto não são apenas os “tuiteros”, mas as organizações que fomentam as pautas das redes sociais. E podemos citar alguns exemplos de entidades ou personalidades ligadas à “*alt-right*” que disseminam preconceito disfarçado de opinião científica/histórica. Por exemplo, o sítio institucional do *Southern Poverty Law* publicou a denúncia às entidades *A New Century Foundation* e a *American Renaissance*, fundadas por Jared Taylor, promovem a supremacia branca e a ideia da inferioridade de negros e hispânicos, baseando-se em dados distorcidos e estudos pseudocientíficos. O texto menciona exemplos de declarações racistas de Taylor e Richard Lynn, ambos associados à *New Century Foundation*, que propagam estereótipos negativos sobre negros e hispânicos. Ambos defendem criar uma pátria branca, expressando medo do crescimento da população latina e incitando o ódio contra imigrantes.

Figura 3 – Cartaz da *Identity Evropa* exibido na Universidade de Oklahoma



Fonte: Davis, 2017.



A organização *American Renaissance* está presente em muitas universidades dos Estados Unidos. Segundo Davis (2017), os seus membros se apropriaram de imagens da arte clássica para promover suas ideologias racistas, criando o movimento *Identity Evropa*. A estratégia é associar suas mensagens de ódio a figuras e símbolos historicamente admirados, como o David de Michelangelo ou o Apolo Belvedere. Essa tática, infelizmente, não é nova. O fascismo, em suas diversas manifestações históricas, sempre se utilizou da arte e da estética para fins de propaganda e manipulação. Mussolini, por exemplo, se inspirava na grandiosidade do Império Romano para alimentar o nacionalismo italiano, enquanto Hitler buscava construir a imagem do “homem ariano ideal” (Figura 4). A *Identity Evropa* segue essa mesma cartilha, explorando a beleza e o poder simbólico da arte clássica para atrair jovens e difundir sua mensagem de ódio.

Figura 4 – Hitler e o Discóbolo



Fonte: Davis, 2017.



Na internet, esse discurso foi difundido, primeiramente, entre os adolescentes, em fóruns como o *4chan*, *8CHAN* e *iFunny*. Um desses casos é justamente o de Justin Olsen, um jovem de 18 anos, que usava a plataforma *iFunny* sob o nome de usuário “*ArmyOfChrist*”, para disseminar mensagens de ódio e extremismo. Em seus posts, ele atacava feministas, progressistas, a comunidade LGBTQ e minorias, além de defender a criação de um “etnostado” cristão e fazer apologia à violência. Ele também incitava o ódio religioso, com memes e comentários sobre as Cruzadas e uma suposta guerra religiosa entre cristãos e muçulmanos. Olsen ainda expressava seu apoio ao imperialismo americano e à erradicação do socialismo (Broderick, 2019).

O *4chan* e o *8CHAN* também são fóruns conhecidos por servirem como plataformas para a disseminação de mensagens de ódio e extremismo. O *8CHAN* foi criado por Fredrick Brennan, como uma alternativa ao *4chan*, com foco em “liberdade de expressão ilimitada”, uma vez que as autoridades haviam começado a controlar os discursos extremistas na antiga plataforma. Todavia, o site se tornou um espaço para propagação de ideias que incitavam a violência, usado para difundir mensagens de autores de massacres, como o ataque às mesquitas na Nova Zelândia e o tiroteio em uma sinagoga na Califórnia. O próprio criador, Brennan, se arrependeu de sua criação e a considerou prejudicial, criticando a postura do atual administrador, Jim Watkins, que parece ignorar as consequências da violência disseminada na plataforma (8chan, 2019).

O texto “The Skeleton Key to the Rise of Trump” (Beran, 2017), explora a ascensão do *4chan* como um reduto da extrema direita. No fórum, a linguagem e os valores eram cultivados como a ênfase na competição e na hierarquia masculina (“ganhar”, “falhar”, “alpha”, “beta”), refletindo as frustrações e inseguranças de seus usuários. A figura de Donald Trump tornou-se um símbolo dessa cultura, representando a fantasia de sucesso e poder sem esforço. Como um meme, Trump foi retratado como um *troll*, isto é, o sapo bobo de desenho animado Pepe, entendido como um símbolo de ódio. Uma linguagem que não ficou restrita aos EUA, chegando ao Brasil (Figura 5).



Figura 5 – Ancestralidade Clássica do Sapo Pepe



Fonte: 4chan.

E como isso tudo chegou até aqui? A reportagem “How YouTube Radicalized Brazil” (Fisher; Taub, 2019) apresentou como o algoritmo de recomendação do *YouTube* estava levando usuários a conteúdos extremistas, comumente expostos a discursos de extrema-direita de figuras como Nando Moura e Jair Bolsonaro. Essa exposição gradual a conteúdos radicais não só normalizava, mas propagava ideologias extremistas, influenciando a percepção política dos usuários e, consequentemente, o debate público. Por meio do Movimento Brasil Livre [MBL], essa estratégia política chegou às escolas, por meio do *slogan* “Escola sem partido”. Inspirados nos extremistas norte-americanos, também se apropriaram da antiguidade (Figura 6).



Figura 6 – Academia MBL



Fonte: *Facebook MBL.*

Como resultado da promoção do ódio com a desculpa de lutarem por uma “escola sem partido”, professores relataram dificuldades em lidar com alunos bombardeados com desinformação e teorias da conspiração propagadas por *youtubers*. O caso do vereador Jordy evidencia como a plataforma pode ser utilizada para disseminar discursos de ódio e promover a ascensão política de figuras extremistas, alimentando um ciclo de polarização e linchamento virtual (Fisher; Taub, 2019).



Segundo Vallone (2020), as eleições brasileiras foram marcadas pela utilização das táticas virtuais da extrema-direita dos EUA. Jair Bolsonaro e seu entorno adotaram a estratégia de comunicação dos *trolls*, os provocadores da internet, “justamente, que está sempre nesse jogo dúbio, entre o que é brincadeira e o que é sério.” E tem mais uma característica muito marcante: explorar a tática que, na linguagem dos fóruns da internet, de agir como um *edgelord* [“o senhor do limite”, em tradução livre], a figura que está sempre forçando o limite, especialmente no *Twitter* (Figura 7).

Figura 7 – Bolsonaro legionário



Fonte: *Twitter*.



A relação entre a extrema-direita brasileira e os usos da antiguidade foi anteriormente estudada por nós. Fruto do financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais [FAPEMIG], em 2022, e do Programa de Produtividade em Pesquisa [PQ-UEMG], em 2023, pesquisamos os usos políticos da Esparta antiga no *Twitter*, tendo como recorte os anos de 2017 a 2023. Uma pesquisa, aliás, apresentada na Feira Mineira de Iniciação Científica [FEMIC] no ano passado, quando fomos laureados com o segundo lugar geral na categoria “FEMIC Mais”.

Como resultado, escrevemos o artigo “Neofascismo, Esparta antiga e usos do passado no contexto brasileiro (2017 – 2023)”. Nele, investigamos a apropriação de Esparta pela extrema-direita brasileira para promover discursos de ódio e violência contra minorias e a democracia. A pesquisa também questionou por que historiadores devem se preocupar com os usos do passado, pois, muitas vezes, o passado é utilizado como um símbolo de autoritarismo, militarismo e patriotismo exacerbado, mirando recrutar seguidores e justificar ações antidemocráticas. A análise foi feita com base em um banco de dados de 252 referências coletadas entre 2017 e 2023, demonstrando a diversidade de usos dessa civilização em discursos anti-STF, anticomunistas, anti-imigrantes e homofóbicos. O estudo concluiu que a Esparta da extrema-direita brasileira é uma construção que mescla elementos do passado com interesses e valores contemporâneos, visando a promover uma agenda política autoritária e excludente. A pesquisa visou contribuir para o debate sobre os usos políticos do passado e alerta para os perigos da manipulação da história em redes sociais (Belchior; Bernardo, 2024).

Esse uso extremista da Antiguidade não é a Antiguidade em si. Percebemos que o passado apropriado pela extrema-direita, na verdade, expressa a “consciência histórica” desse grupo. Segundo Rüsen (2001), “a consciência histórica” é como as pessoas se relacionam com o passado, presente e futuro, utilizando a história para dar sentido à vida e orientar suas ações. Ele a define como um processo mental que conecta a experiência do tempo com as intenções e expectativas para o futuro.



Assim, entendemos que a “consciência histórica” não é apenas um conhecimento factual do passado, mas sim uma interpretação que fazemos dele para compreender o presente e projetar. Essa interpretação se dá por meio de narrativas, algumas, inclusive, que circulam no *Twitter*, que organizam e dão sentido aos eventos históricos, conectando-os à nossa experiência individual e coletiva.

Cabe destacar que existem, segundo Rüsen (2001), quatro tipos de “consciência histórica”:

- i. tradicional por preservar costumes e valores do passado, buscando manter a continuidade e a identidade;
- ii. exemplar, a qual busca no passado modelos e exemplos a serem seguidos no presente;
- iii. crítica que questiona e analisa criticamente o passado, buscando romper com tradições e construir um futuro diferente; e
- iv. genética porque compreende o passado como um processo de desenvolvimento e mudança, buscando entender as origens e as transformações ao longo do tempo.

Esses tipos de “consciência histórica” não são excludentes e podem se manifestar em diferentes combinações nas narrativas que construímos sobre o passado (Figura 8).

Figura 8 – “Consciências” Tradicional, Exemplar, Crítica e Genética



Fonte: *Twitter*.



No contexto da nossa pesquisa, a “consciência histórica” ajuda a analisar como os usuários interpretam e utilizam o passado em suas postagens, revelando seus valores, crenças e expectativas para o futuro. A partir da identificação dos tipos de “consciência histórica” presentes no *Twitter*, poderemos realizar um diagnóstico educacional, almejando compreender como as pessoas se relacionam com a história e como essa relação influencia suas visões de mundo e suas ações no presente.

Partimos da seguinte problemática: por que postamos sobre História Antiga no *Twitter*? A hipótese é a de que os *tuites* expressam as consciências históricas de diversos grupos. Ao mapeá-las e classificá-las em “repertórios” poderemos identificar os principais temas e “usos”, o que pode vir a servir como um diagnóstico para o Ensino de História. Por mais que essa pergunta pareça uma “bobeira” simples de solucionar, não é. Porque há uma infinidade de *posts* sobre História Antiga promovidos pelas pessoas mais diversas, sejam homens, mulheres, crianças, adultos, idosos, estudantes, professores, curiosos, militantes políticos, conspiracionistas ou, até mesmo, alguém que gostou de um *meme* referenciando, por exemplo, um evento da antiguidade (Figura 9)

Figura 9 – Meme Cavalos de Tróia conservador

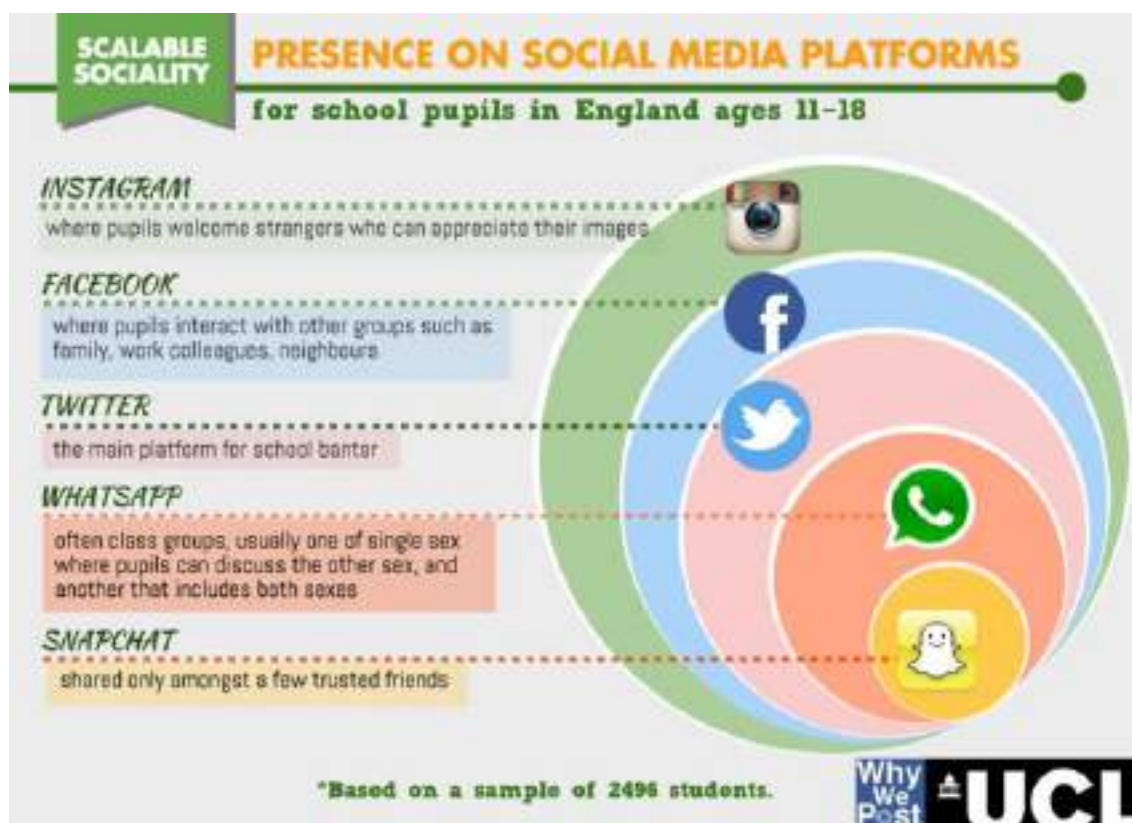


Fonte: *Twitter*.



Este estudo sobre as “consciências históricas” será feito com base na antropologia. Inspirados na coleção “Why we post?”, entenderemos que as mídias sociais “não devem ser vistas como as plataformas sobre as quais seus usuários realizam postagens, mas como o próprio conteúdo postado, que circula por essas plataformas” (Miller, 2019, p. X). E mais, esse conteúdo variará de região para região. Assim, é importante pensar no que é postado e o porquê de se postar sobre História no *Twitter* dentro de cada contexto. Assim, utilizaremos a teoria da sociabilidade escalonável (Figura 10), pois ela nos ajuda a entender como as mídias sociais “habitam [...] espaços de sociabilização distintos [...] criando escalas que consideram o tamanho dos grupos e seu grau de privacidade” (Idem, p. X). Ou seja, há espaços onde falamos sobre determinado assunto, o qual não é considerado em outro lugar, a depender do caráter público ou privado. Em locais, como o Brasil, “a sociabilidade escalonável é utilizada para diferenciar as plataformas digitais em dois tipos de locais de sociabilização, mais privativos ou mais públicos” (Idem, p. XVIII).

Figura 10 – Sociabilidade escalonável



Fonte: Miller, 2019, p. 6.



A “sociabilidade escalonável” acontece porque as mídias sociais possuem o caráter de polimídia, isto é, não é possível compreender profundamente qualquer plataforma ou mídia de forma isolada. Ou seja, em cada uma delas, os usuários fazem um uso distinto de outra plataforma, mesmo que seja uma postagem sobre o mesmo conteúdo. No *Instagram*, por exemplo, é evidente a preferência por imagens (esteticamente “bonitas”), enquanto, no *Twitter*, é observável a opção por textos. Quando há a escolha por figuras, observamos a elaboração de *memes*, os quais são bem distintos das figuras “alegres” e “formosas” da outra rede. Isso significa que uma postagem sobre a divindade egípcia Anúbis é muito diferente em ambas as mídias (Figuras 11 e 12). E, por serem muito díspares, revelam que os interesses na sua divulgação também dependem da plataforma selecionada, considerando ainda a pluralidade de autores(as).

Figura 11 – Anúbis no *Instagram*



Fonte: *Instagram*.

Figura 12 – Anúbis no *Twitter*



Fonte: *Twitter*.

Por fim, classificaremos as postagens em repertórios discursivos. Empregamos o conceito de *allelopoiesis*, de acordo com Favarsani (2020), o qual considera o termo como advindo de um neologismo composto por *allelon* (mútuo, recíproco) e por *poiesis* (criação, geração), cunhando repertórios.



Como resultado, classificamos as postagens em dez repertórios, os quais são importantes para a reflexão pedagógica, uma vez que consideramos ser possível compreender as diferentes “consciências históricas” acerca da antiguidade: i. crítica a governantes ou personalidades políticas; ii. decadência civilizacional; iii. decadência da masculinidade; iv. decadência racial; v. democracia x autoritarismo; vi. decadência da feminilidade; vii. anticomunismo; viii. sexualidade; ix. nostalgia; e x. religião.

2 JUSTIFICATIVA

A primeira justificativa é a importância do tema. Nos últimos anos, observamos a crescente relevância das mídias sociais, especialmente o *Twitter*, como objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento, incluindo a História. Isso porque, a cada dia mais, se torna mais evidente a influência das mídias sociais na vida das pessoas.

A crescente influência da internet na radicalização de jovens desperta a atenção de defensores dos direitos humanos. Um exemplo é o caso relatado na reportagem “Mãe de adolescentes alerta para perigos de extremismo online nos EUA” (Prasad, 2019), que relata o desabafo de uma mãe sobre a influência de conteúdos extremistas em jovens. O fácil acesso a tal conteúdo tem tornado jovens brancos nos Estados Unidos vulneráveis à radicalização, como evidenciado pelo perfil dos autores de recentes ataques a tiros no país, em sua maioria jovens brancos do sexo masculino.

Uma forma de radicalizar os jovens pode até parecer inofensiva, por ser um estilo de arte digital, a “fashwave”. É uma estética visual utilizada por jovens neonazistas e neofascistas para propagar suas ideologias extremistas online. Essa estética se apropria de elementos do “vaporwave”, um estilo artístico que resgata elementos da cultura digital do passado, como imagens pixeladas e cores neon, combinando-os com símbolos e imagens fascistas, como suásticas e cidades em chamas. A “fashwave” retrata um mundo distópico onde a supremacia branca se torna uma fantasia nostálgica, em contraste com a realidade de uma sociedade multicultural e diversa (Smith, 2018).



Figura 13 – Arte em “fashwave”: defenda a sua raça, defenda a sua terra



Fonte: *Twitter*.

Figura 14 – Arte em “fashwave”: masculinidade é uma coisa sagrada



Fonte: *Twitter*.



As figuras 13 e 14 demonstram como o uso de imagens da arte greco-romana é particularmente preocupante, ao visar romantizar e idealizar um passado que nunca existiu. A apropriação de figuras heroicas e esteticamente perfeitas visa construir uma narrativa de poder e pureza racial, ignorando a complexidade e a diversidade do mundo antigo. Essa manipulação da história e da arte possibilita alimentar a fantasia de um passado glorioso e justificar a violência e o ódio.

E isso não acontece apenas nos EUA. No Brasil, presenciamos a publicação das reportagens pela Folha de São Paulo (Meireles, 2019), Veja (Lopes, 2019) e O Globo (Mello, 2019), sobre a apropriação do “fashwave” e do “vaporwave” pelo bolsonarismo. Os três textos apontam para a presença de “vaporwaves” no *Twitter* ligados a perfis bolsonaristas com essa estética em seus avatares ou postando memes que vão pelo mesmo caminho. A intenção é utilizar-se da popularidade que esses movimentos estéticos têm na internet para alavancar ideias da direita radical (Figura 15).

Figura 15 – Arte em “fashwave”: o Estado é laico. Não Ateu. Graças ao nosso Senhor



Fonte: *Twitter*.



Um personagem muito importante para entender esse contexto e a sua relação com a Antiguidade é Ernesto Araújo (Figura 16).

Figura 16 – Foto do perfil do *Twitter* do então Ministro Ernesto Araújo



Fonte: *Twitter*.

Ernesto Araújo foi ministro das Relações Exteriores do Brasil entre janeiro de 2019 e março de 2021 e um entusiasta do “fashwave”. Em seu discurso de posse, deixa claro a sua “consciência histórica” sobre a Antiguidade. Em uma fala repleta de citações, como *Gnosesthe ten aletheian kai he aletheia eleutherosei humas* (“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”), além de referências aos conceitos de Gnosis, Aletheia, Eleuthería e Lethe, conclama a genialidade dos gregos, entendidos como os nossos ancestrais. Uma ancestralidade que, segundo ele, o globalismo fez questão de esquecer, atacando os costumes bons. A volta ao tradicionalismo libertaria o Brasil.



Para Araújo, o problema do mundo não é a xenofobia, “mas a *oikofobia* — de oikos, oikía, o lar. Oikofobia é odiar o próprio lar, o próprio povo, repudiar o próprio passado” (Centro de memória, 2019), uma alusão ao patriotismo e as raízes ocidentais. Raízes diretamente ligadas ao Cristianismo (Figura 17). E ele termina: “Temos Ésquilo gritando pela liberdade, libertai a pátria, *Eleuthería*. Mas *Aletheia* e *Eleuthería* só são possíveis pelo conhecimento da pátria, que se dá pelo amor”.

Figura 17 – Arte em “fashwave”: Rejeite o progressismo



Fonte: Twitter.

Em outro contexto, Araújo gerou mal-estar entre diplomatas, ao fazer referência à sigla romana SPQR. Segundo Chade (2021), Araújo explicou que "gostaria de começar com uma breve referência histórica, que tem a ver com o que estamos vivendo hoje no Brasil". “Referindo-se às aulas que teve de latim, apontou para a sigla SPQR da mesma forma que tem sido utilizada por grupos de extrema-direita e neofascistas, isto é, como símbolo de pureza racial e poder militar”.

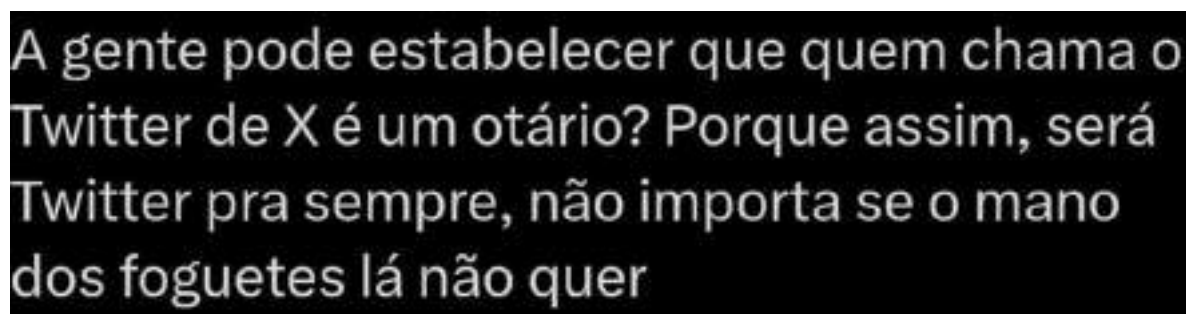


Voltando à antropologia, entendemos que as mídias sociais não devem ser vistas como as plataformas sobre as quais seus usuários realizam postagens, mas como o próprio conteúdo postado. Um conteúdo que pode revelar a “consciência histórica” desses sujeitos, bem como as suas percepções da Antiguidade.

O *Twitter*, nesse sentido, oferece velocidade e capilaridade para diversas informações. Principalmente, porque [...] é uma plataforma onde as pessoas podem agir e conversar com as outras com mais liberdade, já que não estão sendo examinadas (Spyer, 2022, p. 25). Assim, sob uma perspectiva antropológica, devemos nos atentar para gêneros e diferenças regionais destas postagens e em suas consequências sociais e emocionais para seus usuários. “Em vez da plataforma, é o conteúdo postado que é significativo quando tratamos de por que as mídias sociais importam” (Miller, 2019, p. 1).

No que tange ao conteúdo das postagens, faremos outra justificativa. Sabemos que em 2022, o magnata dos negócios Elon Musk comprou o Twitter por bilhões de dólares. Assim como é do meu conhecimento que Musk mudou a denominação social da empresa para *X Corp*, em 2023. Todavia, concordando com os demais usuários, “não importa [o que] o mano dos foguetes lá quer” (Figura 18).

Figura 18 – O *Twitter* sempre será o *Twitter*



A gente pode estabelecer que quem chama o Twitter de X é um otário? Porque assim, será Twitter pra sempre, não importa se o mano dos foguetes lá não quer

Fonte: *Twitter*.



A segunda justificativa é preencher a lacuna nos estudos. É claro que existem diversas obras importantes sobre a recepção da antiguidade no Brasil. Podemos citar os ótimos artigos “Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira” (Silva; Funari; Garraffoni, 2020), “Recepção clássica no Brasil: entre o local, o universal e o global” (Silva, 2011), “Passado, Presente e experiências: reflexões sobre a recepção dos antigos gregos em Curitiba na virada do século” (Beltrami, 2005) e o livro “Entre Gregos e Baianos: recepções e diálogos com o mundo antigo” (Barbosa, 2017). Produções que, todavia, não abordam as mídias sociais.

Outra observação importante, é que os estudos supramencionados não abordam a questão educacional. E, como vimos, esses “usos do passado” podem revelar “consciências históricas”, o que é essencial para o aprimoramento do Ensino de História. E mais, estão focados na Antiguidade como tradição, isto é, como se o presente (a recepção) estivesse diretamente ligado ao passado. E entendemos que nenhuma tradição não é unilinear nem unívoca, mas sim um repertório a partir do qual os autores e seus ouvintes operam seleções, acréscimos e supressões

A relação entre passado e presente, como destaca Guarinello (2010), se dá por meio de “formas” que medeiam uma construção recíproca, diferenciando-se da abordagem que prioriza a relação direta entre passado e presente. Para além das “formas”, optamos por entender essa relação a partir de um novo conceito, o de *allelopoiesis*, o qual, segundo Favarsani e Joly (2021) compreende a recepção do passado como um repertório dinâmico, sujeito a seleções e modificações, valorizando as disputas e a tradição que conectam os pontos iniciais e finais dessa construção.

Por fim, as contribuições para a área da educação. A formação da consciência histórica é crucial para o ensino de história, pois, como afirma Clarindo (2023), a experiência histórica dos alunos é fundamental para a construção do conhecimento e para tornar a disciplina significativa. Para compreender como os estudantes conectam passado, presente e futuro, é essencial reconhecer a influência não apenas da escola, mas também das redes sociais no processo de aprendizagem (Figuras 19 e 20).



Figura 19 – Capa do perfil de um jovem identificado como Otávio Augusto



Fonte: Twitter.

Figura 20 – Postagem realizada pelo jovem



Fonte: Twitter.



Um aspecto crucial desta pesquisa reside em seu potencial para auxiliar professores na compreensão das diversas "consciências históricas" que os alunos carregam, moldadas também por suas interações nas mídias sociais. Ao analisar as postagens sobre História Antiga no *Twitter*, poderemos identificar diferentes formas de interpretar o passado e relacioná-lo com o presente, revelando valores, crenças e perspectivas que influenciam a visão de mundo dos estudantes.

Por exemplo, ao observar como os alunos se engajam em debates sobre temas como democracia *versus* autoritarismo, ou como utilizam memes com referências à Antiguidade para expressar suas opiniões políticas, os professores podem ter uma visão mais clara de como esses jovens compreendem e se relacionam com o passado. Essa compreensão, por sua vez, pode auxiliar na elaboração de estratégias pedagógicas mais eficazes, que levem em consideração as diferentes perspectivas e os conhecimentos prévios dos alunos, promovendo um aprendizado mais significativo e engajador.

Além disso, a pesquisa pode servir como um instrumento para que os professores incentivem o uso crítico e reflexivo das mídias sociais em sala de aula, explorando seu potencial como ferramenta de aprendizado e construção da consciência histórica. Ao compreender como as redes sociais influenciam a percepção do passado, os educadores podem orientar os alunos na análise crítica da informação e no desenvolvimento de uma postura mais consciente e responsável em relação ao uso dessas plataformas.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar as “consciências históricas” sobre a Antiguidade presentes em postagens do *Twitter*, classificando-as em repertórios discursivos e avaliando suas implicações para o ensino de História.



3.2 Objetivos específicos

- Identificar os principais temas e usos da História Antiga no *Twitter*.
- Classificar as postagens em repertórios discursivos com base no conceito de *allelopoiesis*.
- Analisar a influência da sociabilidade escalonável na produção e circulação de conteúdos sobre História Antiga no *Twitter*.
- Avaliar o potencial das postagens no *Twitter* como ferramenta para o ensino de História.
- Compreender as diferentes “consciências históricas” sobre a Antiguidade e como elas se expressam nas mídias sociais.
- Contribuir para o debate sobre o uso das mídias sociais no ensino de História.

4 METODOLOGIA

Começaremos pelo delineamento da pesquisa. Iniciamos com a metodologia exploratória visando coletar dados para formular um problema. A coleta iniciou-se na disciplina de História do Mediterrâneo Antigo, da Universidade do Estado de Minas Gerais — Unidade de Campanha. Como é um componente do primeiro semestre, presumimos que os alunos ainda carregavam uma “consciência histórica” moldada, por um lado, pelos livros didáticos e o ensino escolar e, por outro, pelas mídias digitais/sociais.

Apesar do caráter mediterrânico da disciplina, o conteúdo é organizado por civilizações. Abordamos, primeiramente, o Egito, depois a Mesopotâmia, seguida de Grécia e, por fim, Roma. Antes de iniciarmos um novo tópico, os alunos recebiam um link do site “*Word Cloud*”, do “*Mentimeter*” (<https://www.mentimeter.com/pt-BR/features/word-cloud>), com uma pergunta: qual é a primeira palavra que vem a sua mente quando pensa [em uma civilização do curso]? Em todas as respostas, foi possível observar que tanto os livros didáticos quanto às mídias são muito importantes.



Apesar de importantes, o dado que mais nos chamou a atenção foi a predominância de uma “consciência histórica” moldada por interpretações orientalistas das sociedades egípcia e mesopotâmica, por um lado, e a presença da noção de que os gregos e os romanos seriam os responsáveis pela nossa tradição ocidental.

Como argumentou Appiah (2016), a noção de “cultura ocidental” é uma invenção moderna e confusa, frequentemente usada para delimitar fronteiras e criar oposições artificiais entre diferentes culturas. Ele questiona a ideia de uma essência ou “pepita de ouro” que define o Ocidente, defendendo que os valores como liberdade e tolerância não são exclusivos de uma única cultura. Ainda segundo o autor, historicamente, o conceito de “Ocidente” foi utilizado em diferentes contextos, com significados distintos e exclusões arbitrárias. Uma noção construída em oposição a outros grupos, como o Oriente, o “sul global” e o mundo muçulmano, reforçando estereótipos e hierarquias.

Os resultados foram analisados com base no relato anônimo, intitulado “*Western Imperialism in the Classics Classroom*” (Anonymous, 2020). Nele, o autor, pertencente a uma tribo indígena americana, descreveu suas experiências e reflexões sobre o estudo dos clássicos, questionando a narrativa tradicional e a falta de representatividade no campo dos Clássicos. Ele criticou a tendência de justificar as ações imperialistas de Atenas e traça paralelos com a história de opressão e violência contra os povos indígenas nos EUA. Ainda relatou o desconforto em discutir eventos históricos que ecoam o trauma de seu próprio povo, e destaca a necessidade de reconhecer e respeitar as diferentes perspectivas e histórias dos povos marginalizados. Por fim, defendeu uma abordagem mais crítica e inclusiva nos estudos clássicos, que reconheça a complexidade e a diversidade do mundo antigo e enfrente as atrocidades do imperialismo ocidental.

Assim, definimos o nosso problema e escolhemos os repertórios: i. crítica a governantes ou personalidades políticas; ii. decadência civilizacional; iii. decadência da masculinidade; iv. decadência racial; v. democracia x autoritarismo; vi. decadência da feminilidade; vii. anticomunismo; viii. sexualidade; ix. nostalgia; e x. religião.



O segundo procedimento foi exploratório e realizado no *Twitter*. Tivemos em vista entender por que as pessoas postam sobre História Antiga nessa plataforma e o porquê de isso acontecer dentro repertórios, independente da civilização.

Começamos pela criação de um perfil (Figura 21)

Figura 21 – Perfil criado para a pesquisa



Fonte: O autor.

A escolha pela capa em “fashwave” já foi justificada. Já a imagem de um cruzado, não. Como o nosso interesse não é a Idade Média, explicaremos brevemente. Um dos *slogans* da extrema-direita brasileira é “*Deus vult*”. A expressão latina (“Deus quer”) é historicamente associada às Cruzadas e tem sido utilizada pela extrema-direita como um grito de guerra que evoca a luta contra inimigos, no caso, oponentes políticos e minorias. Essa apropriação da expressão revela uma visão de mundo polarizada e a instrumentalização da religião para fins políticos (Oliveira, Rudnitzki, 2019).



Figura 22 – Cruzado com o *slogan* da campanha de Bolsonaro



Fonte: *Twitter*.

A seleção da estética do perfil e dos objetos de estudo se baseou no relatório "Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro" (Kalil, 2018), que identifica 16 grupos de apoiadores com diferentes características e motivações. Esses grupos incluem: "Pessoas de bem" que defendem as instituições, "Masculinidade Viril" que apoia a justiça com as próprias mãos, "Nerds, Gamers, Hackers e Haters" que constroem a imagem de Bolsonaro como um mito, "Militares e ex-militares" que defendem a guerra às drogas, "Femininas e 'bolsogatas'" que representam o ideal conservador da mulher, "Mães de Direita" que lutam contra a "ideologia de gênero", "Homossexuais conservadores", "Etnias de direita", "Estudantes pela liberdade", "Periféricos de direita", "Meritocratas", "Influenciadores digitais", "Líderes religiosos", "Fiéis religiosos", "Monarquistas" e "Isentos".



É importante deixar claro que em nenhum momento fizemos postagens que poderiam ferir a dignidade humana. Ficamos restritos a repostar notícias de jornais com cunho político, apenas para o nosso personagem parecer do espectro político da extrema-direita e para que o algoritmo nos identificasse assim.

Com o algoritmo funcionando, começamos a perceber a presença de perfis extremistas em nosso *feed*. Começamos então a fazer “amizades”. Baseados no relatório de Kalil (2018), identificamos os primeiros objetos de estudo (Figura 23).

Figura 23 – Exemplo de objeto de estudo

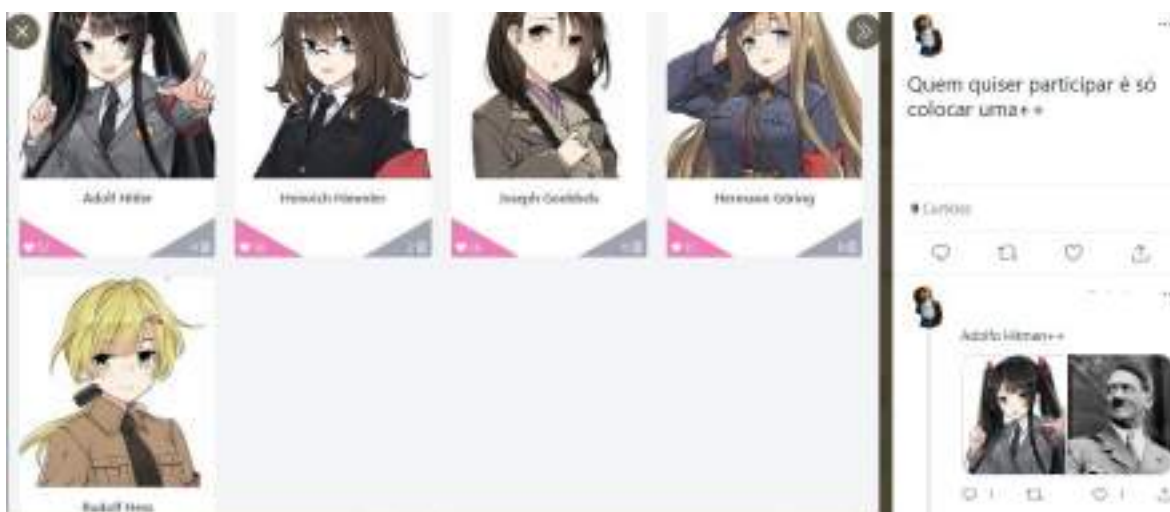


Fonte: *Twitter*.

O perfil em questão chamou a nossa atenção. Para além da capa representando o imperialismo romano, percebemos que a foto do perfil fazia referência ao nazismo. Ao pesquisarmos a relação entre o nazismo e o *hentai*, uma espécie de desenho erótico japonês, percebemos que havia um nicho de propaganda extremista que conectava diversos adolescentes interessados por pornografia e história (Figura 24).



Figura 24 – Pornografia, nazismo e autoritarismo



Fonte: Twitter.

A descoberta desse perfil que combina elementos do imperialismo romano, nazismo e *hentai* levanta questões importantes sobre como grupos extremistas se apropriam de diferentes elementos culturais e históricos para propagar suas ideologias e recrutar jovens. A utilização de conteúdo pornográfico, como o *hentai*, é uma estratégia para atrair a atenção de adolescentes e inseri-los em um ambiente online que promova o extremismo e o ódio. É crucial analisar como essa conexão entre temas aparentemente distintos – imperialismo romano, nazismo e *hentai* – opera na construção de narrativas extremistas e como elas podem influenciar a percepção de jovens sobre história e política.

Inseridos nesse grupo, começamos a investigar outras formas de recrutamento de jovens. E lembrando dos estilos “fashwave” e “vaporwave”, recorremos ao mecanismo de buscas do próprio *Twitter* para adentrarmos nesses grupos e criar “amizades”. A descoberta mais intrigante foi a quantidade de jovens envolvidos. Por isso, a necessidade de intensificar esforços para combater a disseminação do extremismo e proteger jovens vulneráveis à influência dessas narrativas (Figuras 25 e 26).



Figura 25 – Postagem para recrutar jovens a seguirem perfis extremistas



Fonte: Twitter.

Figura 26 – Convite da rádio “Shok Wave” para “ucranizar” o Brasil



Fonte: Twitter.



É importante notar a presença da bandeira da Ucrânia. Segundo Portal e Geller (2021), as manifestações da extrema-direita no Brasil valem-se das experiências da última década na Ucrânia para legitimar a necessidade de uma história a ser “(re)construída”. Os autores argumentam ser baseada num diálogo entre memórias nacionais, e busca um “retorno” a uma colonização nacional pautada pelo cristianismo, branquitude, cisheteronormatividade, masculinidade, capacitismo e homogeneidade cultural, fatores esses que teriam sido “furtados” pelas políticas sociais.

Restava entrar no grupo dos não jovens. Para tanto, começamos a criar “amizades”. No *Twitter*, uma das maneiras encontradas pelos bolsonaristas para criar grandes grupos de pessoas ligadas à sua propaganda ideológica é a partir de postagens “me siga que eu te sigo de volta”. E ao adentrarmos cada vez mais nesse universo, começamos a perceber outras formas de angariar seguidores (Figura 27).

Figura 27 – “Mosqueteiros Patriotas”



Fonte: *Twitter*.



No universo do *Twitter*, usar *hashtags* (#) de forma estratégica é crucial para aumentar o alcance das suas publicações e, conseqüentemente, atrair mais seguidores. As *hashtags* são criadas visando um público específico e, ao serem compartilhadas, demarcam a popularidade daquela ideia ou de um nicho. Um nicho, como podemos perceber, interessado em conteúdo histórico para apresentar as suas ideias políticas.

Nesse sentido, a "branquitude do passado" é um imaginário poderoso que permeia muitas narrativas extremistas. Esse imaginário se manifesta na idealização de um passado "puro" e homogêneo, frequentemente associado à supremacia branca e à exclusão de grupos minoritários. No contexto da História Antiga, essa "branquitude do passado" se expressa na construção de uma narrativa que associa a grandeza da civilização greco-romana à raça branca, ignorando a diversidade étnica e cultural do mundo antigo. Essa distorção histórica serve para alimentar a crença na superioridade branca e justificar a discriminação e o ódio contra grupos minoritários no presente (Figura 28).

Figura 28 – Branquitude patriótica



Fonte: *Twitter*.



Nesse novo nicho, percebemos a presença de outro público: adultos, geralmente empresários ou militares, em sua grande maioria homens (Figura 29).

Figura 29 – Perfil de um “mosqueteiro” bolsonarista



Fonte: Twitter.

Diferentemente dos adolescentes, esses novos objetos estavam mais interessados em discussões políticas. Assim, eram pessoas que comumente comentavam em notícias de jornais a favor de Bolsonaro. Com discursos persecutórios, acusavam as autoridades de censura contra a “liberdade de expressão conservadora”. E ao fazerem isso, também criavam publicações de recrutamento (Figura 30).



Figura 30 – Recrutamento político



Fonte: *Twitter*.

Ao observarmos dezenas de convites semelhantes, percebemos um historiador, com três perfis distintos, que aparecia regularmente. Entendendo que ele poderia ser a chave para entendermos “por que postamos sobre história?”, decidimos segui-lo. E não tivemos nenhuma surpresa ao fazermos isso (Figura 31).



Figura 31 – Perfil focado na “boa” história “branca”



Fonte: *Twitter*.

Todos esses procedimentos foram realizados durante os anos de 2017 a 2024. Coletamos mais de dez mil evidências, as quais encontram-se catalogadas e são de acesso restrito aos pesquisadores do Laboratório de Estudos e Pesquisas em História Antiga, Medieval e da Arte [LEPHAMA]. O próximo passo foi estudá-las sob a luz da antropologia, buscando uma maneira de entender melhor os gêneros das postagens.



Na perspectiva antropológica, as mídias sociais podem ser definidas como um espaço que transita entre a comunicação pública e a privada, oferecendo aos indivíduos a possibilidade de interagir em grupos de diferentes tamanhos e com níveis variados de privacidade. Essa característica é chamada de “sociabilidade escalonável” (Miller, 2019, p. 11). Para analisar o uso das mídias sociais, utilizamos, portanto, a teoria da “sociabilidade escalonável”, que destaca a capacidade dessas plataformas de transitar entre as esferas pública e privada, criando diferentes níveis de interação em grupos de tamanhos variados. Além disso, empregamos a teoria da “polimídia” que enfatiza a interconexão entre as diferentes mídias, mostrando que elas não devem ser compreendidas isoladamente, mas como parte integrante da vida cotidiana e das interações sociais (Figura 32).

Figura 32 – Polimídia e sociabilidade escalonável



Fonte: *Twitter*.



A partir da imersão etnográfica, método central da Antropologia, buscamos compreender as mídias sociais a partir da perspectiva dos usuários, imergindo o pesquisador na cultura e nos diferentes grupos que as utilizam. Essa abordagem privilegia a análise dos aspectos culturais e das interações sociais que se dão nas plataformas digitais, e não a tecnologia em si. A pesquisa comparativa entre diferentes grupos e culturas enriquece a análise e oferece uma compreensão mais profunda sobre o uso e o significado das mídias sociais e da História Antiga na vida das pessoas.

O objetivo específico foi o de compreender como e por que as pessoas usam as mídias sociais da forma que observamos. Fizemos isso a partir de uma regra ética básica e bastante simples: o estudo foi baseado em material anônimo e nada do que fazemos foi pensando em causar qualquer tipo de dano às pessoas.

A presente pesquisa se preocupou em seguir as diretrizes da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), Lei n.º 13.853/2019, que regula o tratamento de dados pessoais no Brasil, inclusive em pesquisas acadêmicas. Em conformidade com o Art. 4º, inciso II, alínea b, e o Art. 7º, inciso IV da LGPD, o estudo, conduzido pelo LEPHAMA, adotou a pseudonimização de todos os dados pessoais coletados, com exceção de pessoas jurídicas. Essa medida visa garantir a privacidade e a proteção dos participantes da pesquisa, em consonância com os princípios éticos e legais que regem a pesquisa com dados pessoais.

Em relação à segurança da informação, a pesquisa adotou medidas para garantir a anonimização de dados pessoais sensíveis, em conformidade com o Art. 11, inciso III da LGPD. Os resultados do estudo não revelam quaisquer dados sensíveis, e o acesso ao banco de dados é restrito aos membros do laboratório envolvidos na pesquisa, assegurando a proteção das informações coletadas. Além disso, a pesquisa se absteve de qualquer prática que configure invasão ou obtenção indevida de dados, em observância à Lei n.º 12.737/2012, que tipifica delitos informáticos.

A coleta de dados se limitou a tweets de acesso público, dispensando o consentimento dos usuários, conforme previsto no § 4º do Art. 7º da LGPD. Reforçando o compromisso ético



da pesquisa, a análise dos dados se concentrou no fenômeno da Egiptomania no Twitter, e não nos usuários da plataforma, em consonância com o § 3º do Art. 7º, que considera a finalidade educacional e o interesse público. Assim, para proteger a identidade dos objetos, todas as informações e imagens foram cuidadosamente anonimizadas. Nomes, lugares e características que pudessem levar à identificação dos indivíduos foram alterados, garantindo a privacidade dos dados coletados.

5 RESULTADOS OBTIDOS

Começaremos a explanação dos resultados pela primeira etapa desta pesquisa, a saber, exploração inicial com alunos da disciplina de História do Mediterrâneo Antigo. Como já dissemos, realizamos a coleta de dados por meio de *word clouds* no “Mentimeter” para identificar a “consciência histórica” dos alunos sobre as civilizações egípcia, mesopotâmica, grega e romana. Vejamos (Figuras 33 a 36).

Figura 33 – Word cloud Egito



Fonte: O autor.



Figura 34 – Word cloud Mesopotâmia



Fonte: O autor.

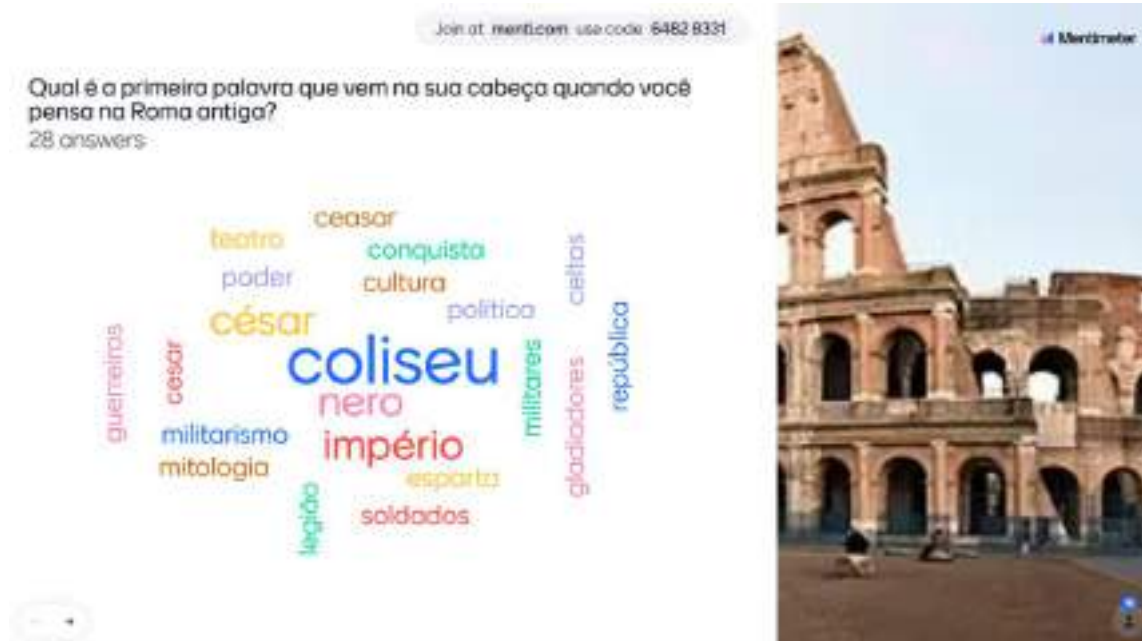
Figura 35 – Word cloud Grécia



Fonte: O autor.



Figura 36 – Word cloud Roma



Fonte: O autor.

Percebemos, primeiro, que as nuvens de palavras muito se assemelhavam aos mapas mentais para vestibular disponíveis na internet. Nesse sentido, diagnosticamos que parte das “consciências históricas” dos estudantes estava calcada na aprendizagem. Os livros didáticos, ao abordarem as sociedades orientais, frequentemente reproduzem um olhar eurocêntrico e superficial, focando nos aspectos positivos e ignorando as crises e complexidades históricas. Essa abordagem contribui para a reificação orientalista e a construção de uma “consciência histórica” eurocêntrica, além de negligenciar o potencial das imagens como recurso didático. E mais, os livros didáticos não promovem uma análise crítica e contextualizada da história egípcia e mesopotâmica, incentivando a reprodução de estereótipos e hierarquias entre “ocidente e oriente”. À história oriental, os seguintes repertórios: i. crítica a governantes despóticos; ii. decadência civilizacional; iii. decadência da masculinidade; iv. decadência racial; v. autoritarismo; vi. feminilidade; vii. comunismo; viii. sexualidade; ix. religião. Aos ocidentais, i. elogio a governantes; ii. ápice civilizacional; iii. masculinidade; iv. florescimento racial; v. democracia; vi. aprimoramento da feminilidade; vii. anticomunismo; viii. sexualidade pura; ix. nostalgia; e x. religião.



No segundo momento, pesquisamos no *Twitter* as principais palavras respondidas pelos alunos. Para o Egito, concentramos a nossa busca em “Faraó” e encontramos três repertórios: i. crítica a governantes despóticos; ii. florescimento racial; e iii. religião. A presença de um repertório “ocidental” nos chamou a atenção. Ao contrário do uso do oriente como decadência, observamos outra “consciência histórica” que dialoga com os quatro tipos propostos por Rüsen (2001): i. tradicional por preservar costumes e valores do passado, buscando manter a continuidade e a identidade da comunidade negra no Brasil; ii. exemplar, a qual busca no passado modelos e exemplos a serem seguidos no presente, tal como exemplos de Faraós negros ou de mulheres importantes, como Cleópatra; iii. crítica que questiona e analisa criticamente o passado como branco e masculino, buscando romper com tradições e construir um futuro diferente; e iv. genética porque compreende o passado como um processo de desenvolvimento e mudança, buscando entender as origens negras e as transformações ao longo do tempo (Figura 37)

Figura 37 – Olodum no Egito



Fonte: Oficial, 2022.



Nesse contexto, percebemos que a História Pública também desempenha um papel importante na construção das “consciências históricas”, ao trazer o passado para o presente de forma acessível e relevante, criando pontes entre a academia e o público. O uso de tecnologias digitais, como recursos interativos e ferramentas de imersão histórica, também é uma experiência de aprendizagem (Figura 38).

Figura 38 – Opinião sobre o filme “Os deuses do Egito”

OS DEUSES EGÍPCIOS SÃO NEGROS

Não vi UM PUTO CONSERVADOR reclamar do filme Deuses do Egito com deuses BR4NCOS dos olhos CLAROS e RUIVOS mas vejo esses paspalhos reclamarem de uma sereia negra



Fonte: *Twitter*.

No que tange à mesopotâmia, a nuvem de palavras nos surpreendeu de maneira negativa. Primeiro, porque foram poucas as respostas, o que indicou desconhecimento sobre as civilizações que ali habitavam. Segundo, porque disse mais sobre o caráter orientalista do Egito do que sobre os mesopotâmicos, uma vez que os alunos responderam palavras como Cleópatra, faraó e pirâmides. O ponto positivo foram as menções à diversidade e à maravilhosa epopeia de Gilgamesh.



Sobre a mesopotâmica, então, identificamos os seguintes repertórios: i. decadência civilizacional e orientalismo; e ii. decadência racial e orientalismo. Uma característica do orientalismo, segundo Said (2007), é justamente a distribuição de uma consciência geopolítica do mundo é feito de duas metades, o ocidente e o oriente, sendo o primeiro, um espelho invertido do segundo. Nesse sentido, interpretamos a epopeia de Gilgamesh como algo imitativo aos poemas homéricos, sendo de conhecimento público. Já a falta de elementos culturais e políticos corrobora com a ideia de que o oriente é irracional, vago, caótico, disfuncional e despótico.

No que tange às “consciências históricas”, identificamos três: i. tradicional por preservar costumes e valores do passado, buscando manter a continuidade e a identidade que separa ocidentais e orientais; ii. crítica porque questiona e analisa criticamente o passado oriental, buscando romper com tradições e construir um futuro diferente para os ocidentais; e iv. genética porque compreende o passado como um processo de desenvolvimento e mudança de duas raças distintas, buscando entender as origens e as transformações ao longo do tempo. Não conseguimos encontrar a “consciência exemplar”, a qual busca no passado modelos e exemplos a serem seguidos no presente.

Nossa hipótese é que os alunos nunca ouviram falar de um exemplo mesopotâmico a ser seguido no presente. Por exemplo, no *Twitter*, a maior parcela das referências diz respeito a Hamurábi e o seu código, entendido pela ótica do despotismo oriental, isto é, um conjunto de leis “bárbaras” (Figura 39).

Figura 39 – Direito brasileiro e Hamurábi



Hoplita

"O Direito brasileiro hoje é pré **Hamurabi** (...)" Ministro Ernesto Araujo em sua aula de quinta feira.

Fonte: *Twitter*.



As nuvens sobre Grécia e Roma não surpreenderam. De uma forma geral, a representação nos livros didáticos se limita a uma narrativa simplista e linear, que enfatiza o auge e a queda dessas civilizações, atribuindo seu declínio a fatores externos e ignorando as complexidades e contradições internas. Essa visão omite a continuidade da vida social e cultural desses povos após o suposto declínio político, além de negligenciar as interações e os intercâmbios entre as diversas sociedades do mundo antigo.

Para essas civilizações identificamos os seguintes repertórios: i. elogio e crítica a governantes, como César e Nero; ii. ápice civilizacional, ao trazerem palavras como filosofia, mitologia, estátuas, cultura e política; iii. masculinidade, ao não trazerem nomes de mulheres e por lembrarem de atividades voltadas ao militarismo, como soldados, guerreiros e Esparta; iv. florescimento racial, uma vez que são mencionados o imperialismo e os celtas (bárbaros); v. democracia (grega) e república (romana); vi. nostalgia ao aludirem a poder; e x. religião, a partir da exposição de diversas divindades. Não encontramos os repertórios i. aprimoramento da feminilidade; ii. anticomunismo; e iii. sexualidade pura, apesar de serem muito recorrentes nas mídias sociais.

Figura 40 – Mulher romana virtuosa

"De acordo com Horácio, as mulheres que fugiam dos padrões romanos poderiam representar uma ameaça à virtus romana. Em diversas de suas obras, Horácio demonstra diferentes posicionamentos acerca do gênero feminino. Em alguns trechos de suas Odes,



Fonte: Twitter.



O aprimoramento feminino é comumente encontrado em postagens elogiando as virtudes das mulheres romanas, como o exemplo de boa esposa (Figura 40). O anticomunismo é um repertório muito utilizado junto ao militarismo, isto é, um bom soldado grego ou romano deve combater esse inimigo (Figura 41).

Figura 41 – Espartanos anticomunistas



Fonte: Twitter.

A temática da sexualidade pura aparece de duas maneiras. A primeira coloca gregos e romanos como exemplos de masculinidade tóxica e virilidade. Já a segunda combate frontalmente essa interpretação, relembrando um hábito tão recorrente no mundo antigo, o homoerotismo, a exemplo de Alexandre (Figura 42).



Figura 42 – Discussão sobre a sexualidade de Alexandre

Não existem fontes primárias para nenhuma **informação** sobre Alexandre, o Grande - seja sobre sua sexualidade ou sobre suas conquistas. Nenhum dos relatos escritos por seus contemporâneos chegou aos nossos dias. Alexandre viveu no século IV a.C. As fontes mais antigas sobre ele são [Mostrar mais](#)



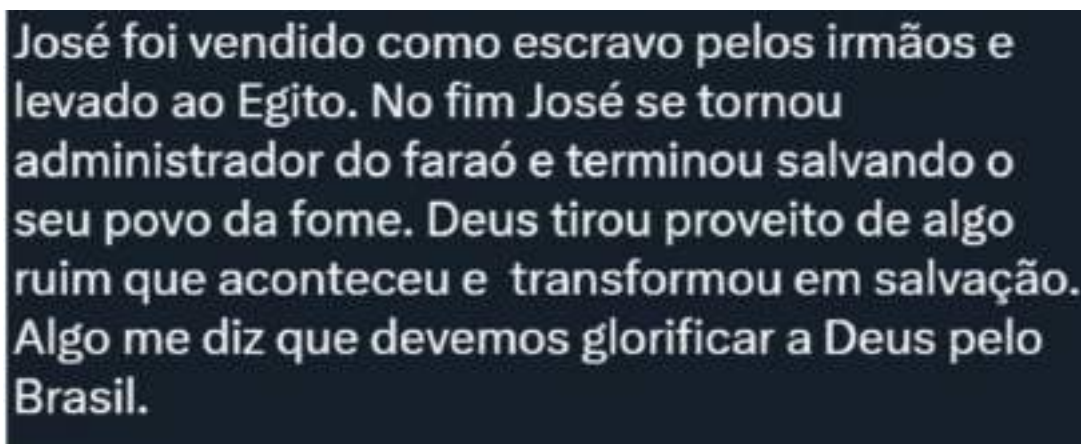
Fonte: *Twitter*.



Por fim, identificamos as seguintes “consciências históricas”: i. tradicional por preservar costumes e valores do passado, como poder, militarismo e sexualidade pura, buscando manter a continuidade; ii. exemplar, a qual busca no passado modelos e exemplos a serem seguidos no presente, a exemplo de grandes governantes e militares, como Júlio César e os espartanos; iii. crítica que questiona e analisa criticamente o passado homoerótico, buscando romper com tradições e construir um futuro diferente; e iv. genética porque compreende o passado como um processo de desenvolvimento e mudança da raça ocidental, buscando romper com as transformações ao longo do tempo.

Passamos agora a segunda etapa da nossa pesquisa, isto é, a imersão etnográfica no *Twitter*. Segundo Spyer (2022), na antropologia, a etnografia valoriza a imersão prolongada do pesquisador no campo de estudo, geralmente por um período superior a um ano. Essa imersão se caracteriza pela observação participante, em que o antropólogo se envolve ativamente na comunidade, no caso o *Twitter*, participando das atividades cotidianas e estabelecendo relações com seus membros. O termo “emergente” contido no título do livro destaca a transição de uma classe trabalhadora que experimenta um processo de ascensão socioeconômica graças ao aumento do poder de compra e acesso à educação. A visibilidade se torna essencial nesse contexto, com a necessidade de exibir as conquistas e o status alcançado, como observado na cultura evangélica, que valoriza a expressão pública da fé e das bênçãos recebidas (Figura 43).

Figura 43 – Religiosidade cristã e História Antiga



José foi vendido como escravo pelos irmãos e levado ao Egito. No fim José se tornou administrador do faraó e terminou salvando o seu povo da fome. Deus tirou proveito de algo ruim que aconteceu e transformou em salvação. Algo me diz que devemos glorificar a Deus pelo Brasil.

Fonte: *Twitter*.



A etnografia de Spyer também demonstra que a popularização dos smartphones a partir de 2013 impactou significativamente a alfabetização e os hábitos de leitura e escrita dos moradores locais. A comunicação digital se tornou uma ferramenta essencial para acessar informações, resolver questões do dia a dia e se comunicar, com base em conhecimento, a partir da leitura, se tornando práticas constantes (Figura 44).

Figura 44 – Crítica a quem não sabe História

, a rádio extremamente bolsonarista de Bauru, estava tocando hoje "A Burguesia Fede". Alguém ali **não estudou história**.



Fonte: Twitter.



As mídias sociais, conforme demonstrado por diversas etnografias do projeto *Why We Post*, desempenham múltiplas funções e geram diferentes consequências, incluindo a possibilidade de serem utilizadas como ferramentas de aprendizado formal e informal. Inclusive para aprender História (Figura 45).

Figura 45 – Negritude, raça e Egito Antigo



Fonte: *Twitter*.

A etnografia também revelou que participação política online é limitada por fatores como falta de tempo, medo de represálias e descrença na eficácia dos movimentos sociais. As redes de ajuda mútua e a necessidade de manter relações harmoniosas no ambiente local também inibem o compartilhamento de opiniões políticas *online*, especialmente em contraste com o ativismo e o engajamento observado nas camadas médias.



Figura 46 – Nunca briguei por política no *Twitter*

Aiai, muito bom acordar sabendo que nunca briguei por política, religião, Raça sexualidade e etnia no tuiter e muito menos dei palco pra maluco, mais alguém aí é assim?



Fonte: *Twitter*.

A etnografia das redes também é importante para entendermos os gêneros das postagens. Um gênero muito comum é a “indiretividade”. A percepção das mídias sociais como ferramentas que reduzem distâncias contrasta com a realidade onde a proximidade excessiva e a densa sociabilidade levam os usuários a buscar formas de restringir o alcance de suas conversas e interações online. A "indiretividade" se torna, portanto, uma estratégia para navegar as complexas relações sociais (Figura 47).



Figura 47 – Uso da História como indireta

Tem uma feminista conspiracionista aqui na minha academia espalhando blasfêmias contra a santa igreja católica, e eu tô como:



Fonte: *Twitter*.

Outro gênero é o humor. Os memes se tornaram uma forma popular de expressar e negociar tensões sociais nas comunidades, funcionando como veículos de humor, moralização e reforço de normas. Embora possam parecer apenas expressões isoladas de sabedoria popular, os memes com "indiretas" ganham significado específico dentro do contexto social e das relações interpessoais da comunidade, permitindo que os usuários identifiquem os alvos e as mensagens subjacentes a essas publicações.

Segundo Torres (2016), o conceito de meme, cunhado por Richard Dawkins, se adapta ao contexto da internet como uma mensagem (com ou sem imagem) de tom jocoso ou irônico, compartilhada e replicada intensamente nas redes sociais. Essa "unidade de transmissão cultural" se propaga por meio da repetição e imitação, se espalhando rapidamente entre usuários e grupos online.



Por fim, o gênero *selfie*. São postadas em mídias sociais de caráter mais público, mostram a beleza e a aspiração de uma pessoa (Figura 48).

Figura 48 – Selfie de admiração a Augusto

Incrível a semelhança que eu tenho com o César Augustos de roma, além de sermos literalmente iguais temos o mesmo mindset [REDACTED] ambos somos extremamente frios e estrategistas em nossa forma de pensar e agir. bizarro '-' ele me representa muito, somos dois deuses nesse mundo



Fonte: Twitter.

Vejamos, agora, como a “sociabilidade escalonável” aparece na prática. Conforme já mencionamos (Figura 10), o estudo de Miller (2019) demonstrou que o uso das mídias sociais se manifesta em diferentes níveis de interação, cada plataforma com suas características e dinâmicas próprias. Grupos de *WhatsApp* segmentados por gênero ou amizades, *tweets* com alcance mais amplo, *Facebook* conectando familiares e amigos, e *Instagram* com a possibilidade de interação com estranhos.



Nesse sentido, as mídias sociais devem ser entendidas a partir de dois novos conceitos: “luzes acesas”, onde a comunicação é mais pública, e “luzes apagadas”, onde a invisibilidade é desejável. A invisibilidade social não se trata de desaparecer fisicamente, mas de adaptar comportamentos e ações segundo o contexto e o observador. Envolve saber “se mostrar” de forma estratégica, distinguindo entre o que deve ser visível e o que precisa ser mantido oculto. Essa dinâmica se manifesta na construção de personas e na utilização de códigos de comunicação que só fazem sentido para quem compartilha do mesmo contexto social, como o uso de eufemismos, metáforas e ironia (Figura 49).

Aqui justificamos a escolha pelo *Twitter*. Essa rede social é uma “luz apagada”, onde [...] as pessoas podem agir e conversar com outras com mais liberdade, já que não estão sendo examinadas (Spyer, 2022, p. 25). Quanto às formas como usam o *Twitter*, os mais jovens fazem principalmente para diversão, e os usuários mais velhos, como fonte de informação (Miller, 2019, p. 7).

Figura 49 – Luzes apagadas



Fonte: *Twitter*.



Voltando ao “historiador” muito mencionado nas correntes bolsonaristas, identificamos os seguintes repertórios: À história oriental ou africana: i. crítica a personalidades despóticas (Figura 50); ii. decadência civilizacional (Figura 51); iii. decadência da masculinidade (Figura 52); iv. decadência racial (Figura 53); v. decadência da feminilidade (Figura 54). Aos ocidentais e cristãos, i. elogio a personalidades (Figura 55); ii. ápice civilizacional (Figura 56); iii. masculinidade e militarismo (Figura 57); iv. florescimento racial (Figura 58); v. feminilidade virtuosa (Figura 59); vii. anticomunismo (Figura 60); viii. nostalgia (Figura 61); e x. religião (Figura 62).

Figura 50 – Crítica a personalidades negras

- Francisco Félix de Souza, NEGRO, maior traficante de escravos da história.
- Francisco Matarazzo, BRANCO, imigrante italiano, chegou ao Império do Brasil como mascate e ergueu o maior império industrial. Nunca teve escravos.

Adivinhe de quem vão cobrar a dívida histórica?



Fonte: Twitter.



Figura 51 – Decadência civilizacional

Todo negro que conhecesse o nascimento do Jazz, do Blues e do Samba iria rejeitar o "funk" como representante exclusivo da "cultura negra". Além disso, ao conhecer homens extraordinários como Patrocínio, Gama e Rebouças iria rejeitar o famigerado Zumbi e sua folclórica Dandara.

Fonte: *Twitter*.

Figura 52 – Decadência da masculinidade

Queria ver essa vontade de lutar contra o "Nazismo" canalizada para 1939, voltar no tempo e embarcar todos esses gordxs afeminados para a Normandia. Lá eles não lutariam contra o copo de leite, sinal de ok ou assessores que ajeitam a lapela. Pura loucura

[Translate Tweet](#)



Durante live, Bolsonaro toma "copo de leite" símbolo nazista de supremacia rac...
Notícia Preta Durante live, Bolsonaro toma "copo de leite" símbolo nazista de supremacia racial
noticiapreta.com.br

Fonte: *Twitter*.



Figura 53 – Decadência racial

Enquanto a população de América, Europa e Oceania vai cair pela metade até 2100, na contramão, a população da África vai triplicar, do Oriente Médio quase duplicar. Como ambas regiões exportam imigrantes, teremos uma substituição da população nativa desses continentes. Triste!

Fonte: *Twitter*.

Figura 54 – Decadência da feminilidade

A esquerda se perde no discurso sem a base dos valores. Ser gorda, preta ou menor não te impede de ser alvejada ao tentar esfaquear outra pessoa na frente de um policial. Onde vejo uma potencial assassina, eles vêem um símbolo para justificar atentados violentos e semear o caos!

Fonte: *Twitter*.

Figura 55 – Elogio a personalidades brancas



Fonte: *Twitter*.



Figura 56 – Ápice civilizacional



Fonte: *Twitter*.

Figura 57 – Masculinidade e militarismo



Fonte: *Twitter*.



Figura 58 – Florescimento racial

Caríssimos, a escravidão é, em si, um comércio atroz de seres humanos, tratados como animais de carga. Para piorar, hoje, a esquerda se apoia no ranço deixado pela escravidão, tanto nos EUA quanto Brasil para acirrar o ódio fratricida. O imigrante veio para trabalhar e crescer.

Fonte: Twitter.

Figura 59 –Feminilidade virtuosa

Eis o estereótipo que comanda a agenda política em quase todos os países ocidentais chamando, inclusive, pais, mães e avós cristãos de "fascistas":
#AbortoNAO



Fonte: Twitter.



Figura 60 – Anticomunismo

De repente, meu perfil virou o muro das lamentações de historiadores marxistas chorões!

Fonte: *Twitter*.

Figura 61 – Nostalgia

O trecho que tanto incomoda aos empoderadXs é:

"Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão".

Monteiro Lobato sempre dá algum adjetivo aos personagens, fazia parte do clima de sarcasmo e brincadeira entre as crianças do sítio.

Fonte: *Twitter*.



Figura 62 – Religião

São Bernardo de Claraval, seja nosso exemplo para que esse momento nos EUA seja a inflexão do nosso tempo!

[Translate Tweet](#)



Fonte: *Twitter*.

Por fim, a análise dos repertórios discursivos utilizados pelo nosso objeto revela distinção entre o tratamento dado às histórias oriental e africana, marcado por críticas e ênfase em aspectos negativos como despotismo, decadência e inferioridade, e a narrativa sobre os povos ocidentais e cristãos, caracterizada por elogios, exaltação de virtudes e associação com grandeza, progresso e superioridade. Essa dicotomia reforça estereótipos, alimentando visões preconceituosas e discriminatórias.



A análise dos repertórios discursivos à luz das categorias de "consciência histórica" revela a predominância da “consciência tradicional” e exemplar sobre os povos ocidentais e cristãos. A exaltação de figuras históricas, a valorização de valores e costumes do passado e a busca por modelos a serem seguidos indicam uma visão que prioriza a continuidade e a identidade, encontrando no passado exemplos e inspirações para o presente. Por outro lado, a “consciência crítica” se manifesta nas postagens sobre a história oriental e africana, nas quais questiona e critica aspectos dessas culturas, destacando elementos negativos como o despotismo e a decadência. A “consciência genética” parece estar presente em ambas as abordagens, embora de forma distinta. Ao analisar a história ocidental, busca compreender as origens e as transformações que levaram à construção da civilização "ocidental", enquanto ao abordar a oriental e africana, busca entender as raízes e as mudanças que levaram à "decadência" dessas sociedades. A combinação de consciências tradicional, exemplar, crítica e genética, resulta em uma visão complexa e multifacetada da história, que reflete suas próprias perspectivas e valores (Figura 63).

Figura 63 – Perspectivas e valores

Pela Lava Toga e contra a Lei de
Abuso de autoridade [#Dia25EuVou](#)



Fonte: *Twitter*.



5.1 POR QUE POSTAMOS SOBRE HISTÓRIA ANTIGA?

Nos livros didáticos, a predominância de repertórios como "decadência civilizacional", "decadência da masculinidade" e "decadência racial" reforça uma visão negativa e estereotipada sobre as civilizações antigas, especialmente as orientais e africanas. Essa narrativa contribui para a construção de uma "consciência histórica" eurocêntrica, que coloca o ocidente como modelo de civilização e progresso.

No *Twitter*, os repertórios discursivos sobre História Antiga se manifestam de forma mais diversificada, refletindo a pluralidade de vozes e perspectivas presentes na plataforma. É possível observar tanto o uso de repertórios que reforçam a narrativa eurocêntrica, como "branquitude do passado" e "anticomunismo", quanto o uso de repertórios que a questionam, como "crítica a governantes" e "democracia x autoritarismo".

As nuvens de palavras geradas pelos alunos da disciplina de História do Mediterrâneo Antigo revelam a influência dos livros didáticos e das mídias sociais na construção da "consciência histórica" dos estudantes. A presença de repertórios como "decadência civilizacional" e "nostalgia" sugere uma visão idealizada do passado, enquanto a presença de repertórios como "crítica a governantes" e "democracia x autoritarismo" indica uma postura mais crítica e reflexiva em relação à história.

É importante destacar que os repertórios discursivos não se manifestam de forma isolada, mas se combinam e se complementam para construir diferentes narrativas sobre o passado. A análise da interação entre esses repertórios nas diferentes fontes de dados (livros didáticos, *Twitter* e nuvens de palavras) permite uma compreensão mais profunda de como a História Antiga é utilizada e interpretada em diferentes contextos.

A partir dessa análise, identificaremos os principais repertórios sobre História Antiga no *Twitter*, objetivando compreender como esses contribuem para a construção da "consciência histórica" dos alunos. Uma compreensão que pode auxiliar na elaboração de estratégias pedagógicas mais eficazes.



Crítica a governantes ou personalidades políticas: Comparação de líderes contemporâneos com figuras históricas da Antiguidade, como Nero ou Calígula, para criticar suas ações e políticas (Figura 64).

Figura 64 – Lula Nero



Fonte: Twitter.



Decadência civilizacional: Lamentação da suposta decadência da sociedade atual em comparação com o auge da civilização greco-romana, expressando nostalgia de um passado idealizado (Figura 65).

Figura 65 – Decadência do Império Romano e da França

Não sei o porquê, mas quando vejo o que está ocorrendo na França, me vem à mente os momentos finais do **Império Romano** do Ocidente. Lendo "A Cidade de Deus", de Santo Agostinho, parece que Santo Agostinho previu o que ocorre 1500 anos depois.

O retrato do Ocidente, um homem branco q acha q é mulher na varanda do apartamento acenando e apoio para os muçulmanos e africanos que querem matá-lo.

Fonte: *Twitter*.



Decadência da masculinidade: Exaltação da masculinidade "clássica" e crítica aos homens contemporâneos, considerados fracos ou afeminados em comparação aos heróis da Antiguidade (Figura 66).

Figura 66 – Homens agressivos e dominantes



Fonte: *Twitter*.



Decadência racial: Associação da grandeza da Antiguidade à pureza racial, e uso de teorias racistas para explicar a suposta decadência da sociedade atual (Figura 67).

Figura 67 – “Mestiçagem” e decadência estética

E pensar que somos descendentes deles 🤔



Fonte: *Twitter*.



Democracia x autoritarismo: Debate sobre os modelos políticos da Antiguidade, com defensores da democracia e apoiadores de regimes autoritários utilizando exemplos históricos para justificar suas posições (Figura 68).

Figura 68 – Crítica à Democracia



Fonte: Twitter.



Decadência da feminilidade: Idealização das mulheres da Antiguidade e crítica às mulheres contemporâneas, consideradas "imorais" ou "desviantes" em comparação com os padrões do passado (Figura 69).

Figura 69 – Elogio à Helena de Troia

Helena de Esparta, mais conhecida como Helena de Tróia. Foi a mulher mais linda do mundo Helênico.

Era filha de Leda e irmã de Castor e Pólux. Esposa de Menelau, foi raptada por Páris, o que acarretou a expedição dos gregos contra Tróia.

Já se passaram quase três milênios e a figura de Helena permanece agitando a imaginação de poetas, escritores, pintores e mais recentemente, de cineastas.

Fonte: *Twitter*.



Anticomunismo: Utilização da história da Antiguidade para criticar o comunismo e o socialismo, associando-os à "decadência" e à "barbárie" (Figura 70).

Figura 70 – Espartanos anticomunistas

É a hora de fazer uma limpa! Brasil tem de fazer que nem Esparta!
[#BolsonaroReeleitoNoPrimeiroTurno](#)



Fonte: *Twitter*.



Sexualidade: Discussão sobre temas relacionados à sexualidade na Antiguidade, como homoerotismo, e comparação com os costumes e valores contemporâneos (Figura 71).

Figura 71 – Tradição homoerótica no mundo grego



Fonte: Twitter.



Nostalgia: Expressão de saudade de um passado idealizado, associado à grandeza e à beleza da Antiguidade (Figura 72).

Figura 72 – Nostalgia da civilização romana



Fonte: Twitter.



Religião: Debate sobre a religião na Antiguidade, com comparações entre as crenças e práticas do passado e as do presente (Figura 73).

Figura 73 – Legionário romano preferindo o Cristianismo



Fonte: *Twitter*.

A análise dos repertórios discursivos no *Twitter* demonstra como a História Antiga se faz presente no debate público contemporâneo, sendo utilizada para expressar diferentes visões de mundo e construir identidades. As comparações entre figuras históricas e líderes políticos, a apropriação de símbolos e narrativas do passado e o uso de termos e conceitos da Antiguidade em discussões atuais revelam a importância da História na construção do discurso político e social nas mídias sociais.

O olhar etnográfico permite aprofundar essa análise, identificando quem são os atores que mobilizam a História Antiga no *Twitter* e quais são suas intenções ao fazê-lo. Essa perspectiva evidencia que a História não é apenas um conjunto de fatos do passado, mas uma ferramenta poderosa para compreender e interpretar o presente, construir identidades e defender posições políticas e sociais.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença da História Antiga nos repertórios discursivos do *Twitter* demonstra que o passado não está confinado aos livros didáticos e às salas de aula, mas se faz presente no cotidiano das pessoas, influenciando suas percepções e ações. Essa constatação reforça a importância de um ensino de história crítico e reflexivo, que prepare os alunos para compreender e interpretar as diferentes formas como o passado é utilizado no presente, e para participar de forma consciente e responsável do debate público.

Esta pesquisa se propôs a analisar as diferentes "consciências históricas" sobre a Antiguidade presentes em postagens do *Twitter*, classificando-as em repertórios discursivos e avaliando suas implicações para o ensino de História. Utilizamos a combinação de diferentes métodos de pesquisa, como a análise de conteúdo, a etnografia digital e a aplicação da teoria da "sociabilidade escalonável" e do conceito de "polimídia". Acreditamos que a análise dos repertórios discursivos e das diferentes formas de interpretar o passado nas mídias sociais pode contribuir significativamente para a compreensão do papel dessas plataformas na construção da "consciência histórica" dos alunos, e para o desenvolvimento de estratégias pedagógicas mais eficazes e engajadoras.

Os resultados da pesquisa revelaram uma diversidade de repertórios discursivos sobre a História. Observamos a presença de repertórios que reforçam a narrativa eurocêntrica, como a "branquitude do passado" e o "anticomunismo", e repertórios que a questionam, como a "crítica a governantes" e o debate "democracia x autoritarismo". A influência do orientalismo e da noção de "cultura ocidental" na construção dessas narrativas também foi evidenciada. As diferentes "consciências históricas" identificadas na pesquisa apontam para a necessidade de um ensino de História mais crítico e reflexivo, que promova o debate e a análise crítica das diferentes narrativas sobre o passado. O uso das mídias sociais como ferramenta pedagógica pode auxiliar nesse processo, permitindo que os alunos explorem diferentes perspectivas, construam seus próprios posicionamentos e desenvolvam uma "consciência histórica" mais complexa e plural.



Por fim, é importante reconhecer as limitações deste estudo, como a delimitação do *corpus* de análise e a subjetividade na interpretação dos dados, fruto da pesquisa etnográfica. Todavia, entendemos que a subjetividade na etnografia não é necessariamente um problema, mas sim uma característica inerente ao método. Ao reconhecer e lidar com a subjetividade de forma consciente e responsável, o pesquisador pode produzir conhecimento rico e relevante sobre a cultura estudada, ao mesmo tempo, em que contribui para o debate sobre os desafios e as potencialidades da pesquisa etnográfica. Assim, aspiramos continuar o nosso estudo, incluindo outras mídias sociais e abordando temas e períodos históricos específicos, para aprofundar a compreensão das “consciências históricas” e seus desdobramentos no ensino de História.



REFERÊNCIAS

- 8CHAN: quem é Fredrick Brennan, criador arrependido do fórum de ódio frequentado por autor do massacre de El Paso. **BBC News Brasil**, São Paulo, 06 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49247961>>. Acesso em: 06 abr. 2021.
- ANONYMOUS. Western Imperialism in the Classics Classroom. **Eidolon**. Nova Iorque, 18 mai. 2020. Disponível em: <<https://eidolon.pub/western-imperialism-in-the-classics-classroom-75190bd6eb39>>. Acesso em: 01 abr. 2021.
- APPIAH, Kwame Anthony. There is no such thing as western civilisation. **The Guardian**, Londres, 09 nov. 2016. The long read. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2016/nov/09/western-civilisation-appiah-reith-lecture>>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- BARBOSA, J. L. (org.). **Entre Gregos e Baianos: recepções e diálogos com o mundo antigo**. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 33-54.
- BEARD, M. Why Rome continues to underpin western culture and politics - an extract from Mary Beard's book 'SPQR'. **World Economic Forum**, Nova Iorque, 02 jul. 2019. Disponível em: <<https://www.weforum.org/agenda/2019/07/why-rome-continues-to-underpin-western-culture-and-politics-an-extract-from-mary-beards-book-spqr/>>. Acesso em: 07 abr. 2021
- BELCHIOR, Y. K.; BERNARDO, G. C. Neofascismo, Esparta antiga e usos do passado no contexto brasileiro (2017 – 2023). **História e Cultura**, v. 13, p. 250-254, 2024.
- BELTRAMI, A. P. Passado, presente e experiências: reflexões sobre a recepção dos antigos gregos em Curitiba na virada do século. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 115-138, jul./dez. 2005.
- BERAN, Dale. 4chan: The Skeleton Key to the Rise of Trump. **Medium**. São Francisco, 14 fev 2017. Disponível em: <<https://medium.com/@DaleBeran/4chan-the-skeleton-key-to-the-rise-of-trump-624e7cb798cb#.kqo49mn5y>>. Acesso em: 02 abr. 2021.
- BRASIL. **Lei Federal n. 12.527, de 18 de novembro de 2011**. Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei n. 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei n. 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Brasília, DF, 2011.
- BRASIL. **Lei nº 12.737, de 30 de novembro de 2012**. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 dez. 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018. **Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD)**. Diário Oficial da União: Brasília, DF, n. 157, p. 59, 15 ago. 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/ CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, n. 72, p. 46-49, 15 abr. 2020.
- BRODERICK, R. 10,000 Rounds Of Ammo And 25 Guns Were Seized From A Teenager Posting Far-Right Memes On iFunny And Discord. **BuzzFeed News**, Nova Iorque, 13 ago.



2019. Tech. Disponível em: <<https://www.buzzfeednews.com/article/ryanhatesthis/ammo-guns-seized-from-teen-radicalized-on-ifunny>>. Acesso em: 17 abr. 2021.
- CENTRO DE HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO DIPLOMÁTICA. Discurso de posse Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo. 2 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.funag.gov.br/chdd/index.php/ministros-de-estado-das-relacoes-exteriores?id=317>>. Acesso em: 07 abr. 2021.
- CHADE, Jamil. Araújo cita sigla romana usada por movimento neofascista e causa mal-estar. **UOL**, São Paulo, 29 mar. 2021. Notícias. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2021/03/29/araujo-cita-sigla-romana-usada-por-movimento-neo-fascista-e-causa-mal-estar.htm>>. Acesso em: 03 abr. 2021.
- LARINDO, J. Ê. P. **Mundos do trabalho e ensino de história: consciência histórica nas escolas profissionais**. Orientadora: Ana Carla Sabino Fernandes. 2023. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) - Mestrado Profissional em Ensino de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.
- DAVIS, B. The New White Nationalism's Sloppy Use of Art History, Decoded: Identity Evropa has been terrorizing campuses across the country. **Artnet**, Nova Iorque, 07 mar. 2017. Art World. Disponível em: <<https://news.artnet.com/art-world/identity-evropa-posters-art-symbolism-881747>>. Acesso em: 02 ar. 2021.
- FAVERSANI, F.; JOLY, F. D. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de Allelopoiesis. **Phoênix**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 97-110, 2021.
- FISHER, M.; TAUB, A. How YouTube Radicalized Brazil. **The New York Times**, Nova Iorque, 11 ago. 2019. The Interpreter. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html>>. Acesso em: 17 abr. 2021.
- GTHA. **Debate I: Antiguidade, cancelamento e racismo**. [Vídeo]. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gyHz-B_KxZI> Acesso em: 09 out. 2024.
- GUARINELLO, N. L. Uma Morfologia da História: As Formas da História Antiga. **Politeia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, 2010.
- HANINK, J. A New Path for Classics: The field is a product and accomplice of white supremacy; scholars are fighting to change that. **The chronicle of higher education**, Washington, 11 mar. 2021. The review. Disponível em: <<https://www.chronicle.com/article/if-classics-doesnt-change-let-it-burn>>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- HILL, N. Yes, Classics is Toxic, or In Defense of Burning It All Down. **Notes from the apotheker: a Blog about being BIPOC in Classics**. Ashland, Virgínia, 21 dez. 2020. Disponível em: <<http://notesfromtheapotheker.com/yes-classics-is-toxic-or-in-defense-of-burning-it-all-down/>>. Acesso em: 31 mar. 2021.
- KALIL, I. O. T. Quem são e no acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. São Paulo: **Carta Capital**, 2018. 17 páginas. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2020/03/Relat%C3%B3rio-para-Site-FESPSP.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2024.
- KENNEDY, R. F.; PLANUDES, M. Changing "Classics": What Do We Want? Not What Some People Keep Saying We Want. **Classics at the Intersections: Random thoughts of a Classicist on ancient Greek and Roman culture and contemporary America** by Rebecca Futo Kennedy. Granville, 22 fev. 2021. Disponível em:



<<https://rfkclassics.blogspot.com/2021/02/changing-classics-what-do-we-want-not.html>>. Acesso em: 04 abr. 2021.

LOPES, A. ‘Fashwave’: o que é o novo símbolo da direita radical brasileira? Como a estética visual de um gênero de música eletrônica tornou-se um meme para divulgar ideias extremistas. **Veja**, São Paulo, 12 mai. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/tecnologia/fashwave-o-que-e-o-novo-simbolo-da-direita-radical-brasileira/>>. Acesso em: 19 out. 2024.

MELLO, B. Com colagens futuristas em tons de néon, vaporwave é a nova estética da militância digital bolsonarista. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 jun. 2019. Atualizado em 30 jun. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/com-colagens-futuristas-em-tons-de-neon-vaporwave-a-nova-estetica-da-militancia-digital-bolsonarista-23774315>>. Acesso em: 19 out. 2024

MEIRELES, M. O que é vaporwave, a estética criada na música eletrônica e apropriada pela nova direita. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 nov. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/o-que-e-vaporwave-a-estetica-criada-na-musica-eletronica-e-apropriada-pela-nova-direita.shtml>>. Acesso em: 04 abr. 2021

OFICIAL, O. Brasil, 3 nov. 2022. Twitter: @OlodumOficial. Disponível em: <<https://twitter.com/OlodumOficial/status/1588262095036059649>>. Acesso em: 18 out. 2023.

OLIVEIRA R.; RUDNITZKI, E. *Deus vult*: uma velha expressão na boca da extrema direita. **Agência Pública**, São Paulo, 30 abr. 2019. Disponível em: <<https://apublica.org/2019/04/deus-vult-uma-velha-expressao-na-boca-da-extrema-direita/>>. Acesso em: 15 abr. 2021.

PORTAL, J. C. G.; GELLER JÚNIOR, L. “Chegou a hora de ucranizar!”: usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro. **Esboços: Histórias em Contextos Globais**, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 269-289, 2021.

PRASAD, R. Mãe de adolescentes alerta para perigos de extremismo online nos EUA. **BBC News Brasil**, São Paulo, 19 ago. 2019. Internacional. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49399769>>. Acesso em: 17 abr. 2021.

RUBIO HANCOCK, Jaime. Nem todo romano era branco – o império era mais diverso do que parece. **El País Brasil**, 27 jul. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/internacional/1501148623_366673.html>. Acesso em: 17 out. 2024.

RÜSEN, Jörn. Razão histórica. **Teoria da história**: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEIXAS, R. Metamorfose Ambulante. In: Krig-ha, Bandolo!. [S.l.]: Philips, 1973. Faixa 1.

SMITH, J. This is fashwave, the suicidal retro-futurist art of the alt-right. **MIC**. Nova Iorque, 12 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.mic.com/articles/187379/this-is-fashwave-the-suicidal-retro-futurist-art-of-the-alt-right>>. Acesso em: 02 abr. 2021.

SILVA, G. J. da; FUNARI, P. P.; GARRAFFONI, R. S. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 40, n. 84, p. 43-66, 2020.

SILVA, R. T. G. da. Recepção clássica no Brasil: entre o local, o universal e o global. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, p. 1-16, 2011.



SOUTHERN POVERTY LAW. [Site institucional]. Disponível em:
<<https://www.splcenter.org/fighting-hate/extremist-files/group/american-renaissance>>.

Acesso em: 03 abr. 2021.

TORRES, T. O fenômeno dos memes. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 68, n. 3, p. 60-61, set. 2016.

VALLONE, G. Inspirado nos EUA, Rodrigo adota tática de troll: testar limites para ganhar visibilidade, diz filósofo. **BBC News Brasil**, São Paulo, 22 fev. 2020. Disponível em:
<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51511316>>. Acesso em: 04 abr. 2021.